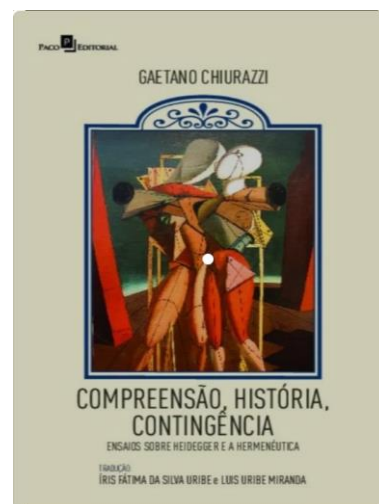


RESENHA



CHIURAZZI, Gaetano. *Compreensão, história e contingência: Ensaíos sobre Heidegger e a hermenêutica*. 181
Jundiaí – SP: Paco Editorial, 2022.

Wandeilson Silva de Miranda¹
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

HERMENÊUTICA E EXISTÊNCIA

Há, hoje, em andamento, um importante trabalho de difusão e acesso ao pensamento italiano contemporâneo no Brasil. Resultado de uma parceria entre o trabalho dos pesquisadores Íris Fátima da Silva Uribe e Luis Uribe Miranda e a editora Paco editorial, a coleção de filosofia italiana já conta com os seguintes títulos: *A experiência da Verdade*, de Gaetano Chiurazzi, *O quiasmo da tradução*, de Carla Canullo e *Ontologia e estética em Luigi Pareyson*, de Íris Fátima da Silva Uribe. Soma-se a esse conjunto, agora, a recém traduzida para o português *Compreensão, História, Contingência*, obra que apresenta uma interpretação cuidadosa da filosofia de Heidegger, a qual põe em evidência tanto aspectos espinhosos quanto outros ainda pouco analisados pelos intérpretes deste autor.

¹ E-mail: wandeilson.miranda@ufma.br, Orcid: [0000-0001-5018-9655](https://orcid.org/0000-0001-5018-9655)

Dividida em três sessões, nomeadas com o próprio título da obra destacado acima, o livro reúne os artigos produzidos ao longo da formação do autor, com destaque para aqueles que estão em estreita relação com sua pesquisa sobre a constituição da hermenêutica contemporânea. A tensão da filosofia heideggeriana com as demais correntes filosóficas é privilegiada, destacando-se, entre elas, a Fenomenologia. Chiurazzi analisa exatamente os aspectos que podemos considerar centrais no percurso do filósofo alemão, entretanto, sua abordagem se constrói de modo a não apenas tratar da filosofia heideggeriana, mas em apresentar uma interpretação pessoal desses aspectos. Já nas primeiras páginas somos levados a perceber o confronto e a comparação dos postulados de correntes filosóficas diversas, em sua maior parte contemporâneas (Descartes, Kant, Hegel, Frege, Wittgenstein, principalmente Husserl), assim como incursões no solo da tradição ocidental (Aristóteles, Platão, os Estoicos, Anaximandro *etc.*), todos eles observados a partir do plano de interpretação heideggeriano. Nesse percurso, por diversas vezes, como dissemos, a forma pela qual são justapostos, confrontados e analisados apresenta a própria atividade filosófica de Gaetano Chiurazzi, no caso, a análise dos conceitos (Compreensão, História, Contingência) segue o rigor filosófico, para, em seguida, serem levados a um plano heurístico que permite a abertura e a novidade do pensamento. Essa característica revela, por sua vez, o mérito do trabalho de tradução: ele não se resume apenas a tornar disponível o acesso à filosofia italiana, é ao método do filosofar italiano que somos apresentados durante a leitura, afinal, a arguta crítica e análise do professor Chiurazzi nos envolve com uma interpretação pontual dos conceitos centrais da hermenêutica.

Concentremo-nos, a partir de agora, na apresentação da obra. Se é que podemos resumir desta forma, o livro objetiva trazer à tona os múltiplos questionamentos que a hermenêutica desenvolveu, desde o problema exegético e textuais – o que o próprio autor identifica com a questão da produção de sentido (compreensão) – até o caráter temporal desses objetos (história), bem como a condição ontológica que pressupõe a contingência. A obra em questão, não deixa de ser uma cuidadosa apresentação dos aspectos fundamentais que atravessam os dilemas e tensões filosóficos da atualidade, de modo que a leitura nos leva ao cerne da crise epocal.

A primeira parte (Compreensão) demora-se no problema mesmo da interpretação, as condições e pressupostos que afirmam a possibilidade da compreensão dada. Essa análise revela a próprio método que acompanha o percurso crítico da obra, o tensionamento de representações completamente opostas, como no caso do “diagrama da verdade” e do “diagrama do desejo”, comparando e confrontando a lógica matemática de Frege e a psicanálise. O essencial para Chiurazzi é entender como a escrita nos leva a pensar a relação sujeito e objeto, enquanto a condição de uma “visibilidade” de um acontecimento mundo, evidenciando a passagem da condição gráfica da mera representação para a própria existência. A lógica tenta formular uma lógica sem sujeito. E a psicanálise, um sujeito “sem” lógica, pois em último caso cabe ao intérprete ser o guia da subjetividade, emendar os

RESENHA

CHIURAZZI, Gaetano.

Compreensão, História e Contingência: ensaios sobre Heidegger e a hermenêutica.

fragmentos do trabalho onírico. A hermenêutica afasta-se da condição firmada da leitura dual do aspecto lógico ou ilógico (do sujeito ou do real); de certo modo, o principal, segundo Chiurazzi, é compreender que o sentido não se expressa por meio dessa dinâmica, antes o sentido expressa mais intensivamente quando do esvaziamento do sentido, por isso a angústia é o signo do paradoxo, pois não subtrai o real ou sujeito, mas suspende o juízo que se tem do que é o real e o sujeito. Há um “conteúdo minimalista”, que permite o sentido e disponibiliza a compreensão num plano ontológico que possibilita o próprio sentido: “Por isso *compreender*, no seu grau mínimo, vale dizer *radical*, é compreender uma existência.” (CHIURAZZI, 2022, p. 37, grifos do autor). Compreender é colocar em jogo a existência, uma hermenêutica que se atém à vida em sua pluralidade, pois a condição da interpretação se firma na possibilidade sempre dada de ser uma interpretação no-Ser. A compreensão, deste modo, não está presa ao psicológico, ela é uma condição “física” do homem, diante da pedra que não tem mundo, diante do animal que é pobre de mundo, é sua capacidade eminente o de formar mundo, ou seja, o sentido tem como pressuposto que todo sentido é uma existência. A existência é a própria sintaxe fundamental que possibilita toda compreensão. Aqui, Chiurazzi procura definir o aspecto “físico” da hermenêutica, constituir um solo de interpretação no qual o território habitado não é signos abstratos, mas uma existência compreendida.

Essa tese é parte fundamental da crítica de Heidegger ao Husserl e define de modo muito claro a diferença entre a fenomenologia e a hermenêutica. Ao analisar o significado da intuição e da compreensão, Chiurazzi coloca em questão o método fenomenológico, pois ao fazer do sentido um problema central, acaba por procurá-lo noutra lugar que não na compreensão. É o que denomina de “estrabismo teórico” de Husserl”, ou seja, o ato constitutivo da fenomenologia é a redução com a qual se substitui das coisas o seu sentido, enquanto para a hermenêutica a sua constituição se dá na descoberta que o sentido é o ser. A pergunta sobre o sentido do ser permite uma dinâmica autêntica do pensamento que coloca em jogo o próprio sentido e o que significa compreender. O sentido, para Husserl, seria o que preenche uma forma lógica, enquanto para a hermenêutica o sentido é uma construção relacional. No primeiro caso, o sentido determinaria o real, no qual a relação lógica é a relação verdadeira; já o sentido enquanto construção relacional estaria ligado ao “mundano”, o aspecto simbólico. Heidegger irá ater-se ao simbólico para refutar a *epoché* do mundo pretendida pela fenomenologia. O sentido é relação “se... então”, é hipotético-projectual, explícita, manifesta uma compreensão. Deste modo, a compreensão tem um caráter prático, ela não pode sofrer uma redução tética, ou seja, sem uma ancoragem ontológica, o sentido não possibilitaria uma orientação no mundo, por isso, o sentido permite uma práxis:

Heidegger observa que se não se partir do ser do utilizável, toda a problemática ontológica pode ser iniciada em estrada falsa, porque permanece ancorada ao mero presente (a sensação, ou intuição) e não

tem acesso ao possível com o qual se abre a compreensão.²
(CHIURAZZI, 2022, p. 63).

Chiurazzi, desde as primeiras páginas, demonstra uma preocupação em apresentar a hermenêutica não apenas como trabalho do pensamento com o texto, mas como uma relação entre o tempo e a realidade, ou seja, com as condições fáticas e concretas da vida. Exemplo interessante dessa preocupação é definir o sentido como uma “grandeza vetorial física”, como a força, de forma a levar-nos a um entendimento que o sentido indica uma orientação, uma direção, um ponto de aplicação. Estratégia que permite afastar-se do paradigma objectual (Platão, Frege) e do paradigma estrutural (estruturalismo). A ideia defendida aqui é a de libertar o sentido do esquema que o limita ao conteúdo proposicional, daí “concebe a força como um elemento externo a ele”. Ao definir o sentido como força ele passa a ser inserido num campo que possui linhas, orientações, com efetualidade própria, de modo a ser denominado como “mundo”. Nessa condição sentido e mundo são indissociáveis, há mútua reciprocidade: “não existe compreensão senão de um sentido, e o sentido é essencialmente referido, não a um ‘estado de coisas’, mas um mundo, e uma rede de referências e experiências vividas.” (CHIURAZZI, 2022, p. 76). Compreensão é existência, porém, a existência é um campo de relações que devemos denominar mundo e o sentido e o mundo são indissociáveis, pois é o acontecimento que produz a rede de referências e de experiências que permite a força do sentido: habitar, viver enquanto modo efetivo do *Dasein*. A fórmula “existir é habitar” assume todo o seu significado, pois o habitar não é uma ocorrência espacial, por mais que a envolva, antes é dinâmica (movimento), temporalidade que expressa os modos de vida em seus múltiplos sentidos. A hermenêutica heideggeriana volta-se para uma física, para uma dinâmica contínua das forças, contrariando o pensamento metafísico-representacional que encontra na matemática o modelo espacial adequado. O trabalho da hermenêutica, neste caso, não se faz a partir de um distanciamento da vida; na verdade, sua condição efetiva está no enraizamento com o mundo. Relação menos lógica e mais gramatical, pois esta tem um maior envolvimento nas “formas de vida”.

Como afirma Chiurazzi, uma relação entre gramática e vida, em último caso, permite uma “liberação da gramática da lógica”. A gramática contra a lógica, pois aquela pode expressar a forma de um certo mundo vital e não cair na abstração formal completamente. Esta proposta de imediato permite inverter o elemento fundador da metafísica: a determinação da lógica sobre a ontologia. Tal inversão permitirá as condições de uma gramática que expressa a modalização, ou seja, uma dimensão dinâmica da vida: “A relação dinâmica é, pois, a verdadeira relação originária, constitutiva, do ser-no-mundo, é, por assim dizer, a ‘essência’ mesma daquele elemento prepositivo que é o ‘no’ do ‘no-ser’.” (CHIURAZZI, 2022, p. 85). Essa inversão seria, na realidade, a continuidade da inversão proposta por Plotino que, de

² Seria, no caso, o que o autor denomina de “singularidade ontológica”, pois a compreensão é a existência.

Leibniz a Heidegger, defende a superioridade e a prioridade da possibilidade sobre a realidade. Para Heidegger, o mundo é um conceito semântico e sua construção é de cunho pragmático, realizado pelo ser no mundo, mundo enquanto possibilidade: “o sentido do ser em geral, ou mais simplesmente o sentido, é possibilidade, projeto, *dynamis*.” (CHIURAZZI, 2022, p. 94). O que se torna evidente nessa análise é a ênfase da hermenêutica heideggeriana numa defesa da dimensão física e não metafísica do sentido.

Das análises que o autor apresenta na obra, talvez, a mais importante seja a sua leitura do problema da relação entre hermenêutica e *dynamis*. O problema da relação entre o trabalho hermenêutico e sua relação com *physis* parece se incorporar aos elementos centrais da análise dos problemas da compreensão, da história e da contingência. Clément Rosset (1989, p. 07), que não tem muito apreço pela filosofia heideggeriana, ironiza ao declarar que é “inútil ‘desconstruir’ a metafísica, sem que se comece a desconstruir previamente a simples *física*”. Chiurazzi faz exatamente este trabalho de apresentar um aspecto pouco estudado na obra do Heidegger: o movimento hermenêutico como uma interpretação da Natureza, trazendo à luz a interpretação heideggeriana da *Física* de Aristóteles e os momentos cruciais dessa interpretação que desloca e aprofunda a noção de *dynamis* e *enérgeia*. Há, aqui, uma noção profunda de que existe uma relação entre a filosofia prática e a física, pois ambas se ocupam com entes em movimento. Essa abordagem revela a conexão entre a filosofias de Heidegger e Aristóteles, quando de uma preocupação em entender a dimensão dinâmica do sentido.

A tarefa heideggeriana desde sempre foi demolir o núcleo parmenídeo, entretanto, esta tarefa tem como ponto central de suas análises um confronto com a fenomenologia. Não seria estranho, pois, que esse confronto se estendesse ao longo da formulação da obra de Heidegger, da juventude ao seu pensamento tardio. Um destes aspectos é o problema da negação: ela demonstra bem a diferença entre Husserl e Heidegger, a contraposição entre a fenomenologia e a proposta hermenêutica. Se para a fenomenologia a negação possui um aspecto qualitativo, ou seja, apresenta uma diferença no ser, uma mudança objetual; para Heidegger a diferença seria modal, pois não implica numa mudança qualitativa no-ser, mas uma relação entre dois modos de ser. Por essa leitura, Chiurazzi nos leva a compreender a própria noção de ser em Heidegger, a qual não se atém ao complexo identitário da lógica, antes permite estabelecer um plano de compreensão que se abre aos diferentes modos de ser, sem com isso cair na contradição ou na ambiguidade da compreensão. Interessa a ele “os múltiplos significados do ser”. Nesse sentido, Heidegger apenas levou as consequências da fenomenologia aos seus últimos aspectos, a condição da experiência que é sempre temporal, mas a temporalidade já é, enquanto percepção mundana, uma conexão entre a presença e a ausência. A diferença modal supõe, então, a possibilidade, ou seja, a compreensão de uma ordem ontológica que arranca do ser a sua “monoliticidade e atualidade parmenídea”. (CHIURAZZI, 2022, p. 111). Essa questão torna-se mais clara quando se apresenta o problema da diferença ontológica. Enquanto para Husserl ela está destinada a ser apagada, para Heidegger não haveria experiência

sem a diferença. Talvez o que fique desta questão, aventada por Heidegger, é que a procura dogmática pela verdade não deixa de ser um profundo desdém pela contingência. Em Heidegger, seria a própria diferença a transcendência, enquanto o caráter não superável da experiência é a raiz de toda e experiência dada. Ou seja, sem a diferença ontológica não há mundo e, se não há mundo, não há compreensão. É nesse ponto que a análise revela o seu caráter crítico, ao demonstrar a superação da fenomenologia pela hermenêutica e ao propor de forma clara como estabelecer a *dynamis* como aspecto central da compreensão da diferença e da própria condição da existência. Esta síntese pretende demonstrar como a hermenêutica permite uma experiência de compreender de outro modo, sem deixar de ser.

Na atitude do estudo de Chiurazzi, pois, destaca-se a sua defesa da hermenêutica como uma proposta não naturalista, mas realista, num sentido antirepresentacional, ou seja, um sentido de realidade que se afasta do realismo metafísico. Por isso, é importante todo o debate e análise da questão física em Heidegger, concepção que se afasta da ideia de essência em prol de uma compreensão da realidade concebida a partir das relações entre existências, uma realidade completamente dinâmica. Essa concepção não apenas caracteriza a hermenêutica heideggeriana, mas a física contemporânea. No caso, Chiurazzi lembra que o nascimento das ciências modernas está atrelado ao abandono da concepção metafísica da realidade (*Relativität*) e se elabora outra, essa mudança produz uma substituição das conexões objetuais pelas causais. O novo conceito de realidade (*Wirklichkeit*) é correlativo ao novo conceito de verdade que se afirma com as ciências experimentais. Verdade, aqui, repousa sobre a capacidade de transformação do conhecimento, na produção de efeitos. É nesse sentido que a história é uma história dos efeitos, num sentido da sua permanência substancial, sem, contudo, recair em falsos abstracionismo. A história aparece como um campo de forças. Para Chiurazzi (2022, p. 135), esta proposta da história dos efeitos une ciências humanas e ciências naturais:

[...] o conceito de *Wirklichkeit*, mais uma vez, longe de aprofundar o suposto abismo entre ciências da natureza e ciências do espírito, consente sua reunificação em virtude da estrutura formal comum tanto da explicação quanto da compreensão: uma “estrutura implicativa”, que, como seria facilmente demonstrável, é a estrutura geral do signo, e logo, de todo fenômeno de compreensão.

É a partir desta relação que Chiurazzi faz a defesa do “escopo crítico” da hermenêutica, a superação de uma atitude meramente filológica, ou seja, uma reflexão sobre contextos de domínio, de condições vitais e de relação de força. Em suma, trata-se de uma atitude crítica que apresenta uma dimensão de ações políticas.

Pode-se observar que, com essa possibilidade crítica da hermenêutica, ao estabelecer um plano ou campo de forças, ela não está determinada a apontar para a atualidade, para o presente. A análise que Chiurazzi faz de Foucault e de Vattimo

RESENHA

CHIURAZZI, Gaetano.

Compreensão, História e Contingência: ensaios sobre Heidegger e a hermenêutica.

possui uma grande abertura para pensar o papel crítico da hermenêutica, ao posicionar sua tarefa na própria compreensão da realidade (*Wirklichkeit*), na qual o papel da atualidade (*aktuell*) já não “desempenha um papel de centro gravitacional” (CHIURAZZI, 2022, p. 147). A noção de realidade, aqui, leva a pensar um novo conceito de historicidade, uma historicidade que assimila o inatual, o passado e o futuro como definidores do curso da vida. O que se pode perceber é que tal conceito nos leva a pensar o problema da virtualidade, pois a realidade histórica não é definida pela atualidade, mas põe em questão o próprio atual. É na relação entre historicidade, virtualidade e crítica que aparece o elemento radical da ontologia heideggeriana, contrariando a metafísica parmenídica e o dualismo platônico que precisa recorrer a um além-do-mundo, com normas a-históricas e atemporais. Cito Chiurazzi (2022, p. 149-150): “Só assim – como o questionamento do atual a favor do virtual – a ontologia pode na verdade ser crítica. [...]. Nesta concepção da história, no entanto, a história é imediatamente crítica de si mesma, com base nas suas constitutivas virtualidades inatuais ou reatualizáveis”. Condição expressa diversas vezes no livro por meio da afirmação de Heidegger que anuncia “acima da realidade está a possibilidade.”. A tese defendida demonstra que não pode se compreender a radicalidade da hermenêutica heideggeriana, caso não se entenda a constituição de uma ontologia dinâmico-material alternativa àquela noético-material de Husserl.

Assim, a questão levantada por Chiurazzi é um convite para pensar os aspectos centrais da fundação da hermenêutica, os dilemas e contradições da filosofia contemporânea. O leitor é convidado a dimensionar o lugar da experiência por meio de uma temporalidade que não está subordinada ao princípio metafísico da identidade, em suma, o leitor-intérprete tem de passar de uma arte da interpretação para uma ontologia da interpretação. O *ter* é aqui, no sentido em que Chiurazzi analisa este termo, a exclusão na descrição da constituição do *Dasein* de qualquer identidade permanente, qualquer substancialização, “antes implicando uma diferença e uma modificação possível”. (CHIURAZZI, 2022, p. 204). Como em toda grande escrita, a obra de Chiurazzi floresce exatamente quando terminamos, se abre exatamente quando concluímos a leitura.

Sendo, pois, uma obra que é resultado de ensaios produzidos ao longo dos anos, essa característica apontada acima demonstra uma grande coerência dos temas, expressa uma reflexão filosófica que unifica cada um dos textos num todo coeso e, ao mesmo tempo, aberto, pois a obra não pretende ensinar uma doutrina, determinar uma visão de mundo, antes propõe levar o pensamento a deslizar da atualidade para a uma ontologia da inatualidade, compreender a existência como sentido e, principalmente, apresentar o problema da *dynamis* como cerne da hermenêutica de forma a construir uma crítica que permite a abertura fundamental para uma compreensão do fundo narrativo da experiência ocidental, “a ontologia heideggeriana à apenas o desenvolvimento da concepção dinâmica, modal da matéria.” (CHIURAZZI, 2022, p. 189). A nova noção de realidade permite experimentar a finitude como chave de compreensão dos sentidos da existência. A condição dessa experiência é possível quando o homem habita, num sentido de que ele existe e,

portanto, habita a linguagem, é ser-no-mundo, e, logo, ser-de-linguagem. Experiência do tempo, do vir a ser, horizonte da incerteza, da precariedade, essa condição inverte a metafísica da presença, pois apresenta a contingência fundamental, oposta ao *ergo sum*, que anuncia a finitude, que pode ser compreendida, mas não pode ser experimentada. Essa é a fragilidade do pensamento hermenêutico, pois ele não se propõe determinar, dogmatizar, encerrar, a existência. A resposta para pergunta “o que é, então, a verdade para Heidegger?”, é respondida por Chiurazzi (2020, p. 260) desta forma cuidadosa: “a *alétheia* é a experiência mesma do tempo, do vir a ser e do querer fugir, do descobrir-se e do ocultar-se, do nascer e do morrer, a experiência suspensa do ser que é – mas poderia não ser”. Esse cuidado é exatamente o que torna a hermenêutica e o hermenauta agentes de um modo de fazer filosofia que coloca no centro de todo pensamento a liberdade.

Por fim, a leitura do livro de Chiurazzi, mesmo operando com um número considerável de autores e problemas, tem ao seu favor uma clareza de exposição, o que consegue tornar límpido um conceito ou problema onde é fácil se perder na confusão. Entretanto, essa clareza exige do leitor toda a sua atenção, todo um cuidado na leitura, uma concentração contínua. Ao estilo de Nietzsche, Chiurazzi exige um leitor que saia do mau hábito de permanecer na margem do texto e inicie uma arte de interpretação, exige que o seu leitor deva ser calmo, efetuando uma leitura sem pressa, não pode exercer um privilégio de si mesmo e não esperar um resultado. A leitura de *Compreensão, História, contingência* exige, pois, esse leitor calmo, que não interrompe o argumento e não espera um resultado, ou, voltando ao Nietzsche (1998, p. 14-15, prólogo § 8?) para melhor definir esse leitor: é preciso que exerça uma arte de interpretação:

É certo que, a praticar desse modo a leitura como *arte*, faz-se preciso algo que precisamente em nossos dias está bem esquecido – e que exigirá tempo, até que minhas obras sejam “legíveis” –, para o qual é imprescindível ser quase uma vaca, e *não* um “homem moderno”: o *ruminar...*

REFERÊNCIAS

- CHIURAZZI, G. *Compreensão, História e Contingência: ensaios sobre Heidegger e a hermenêutica*. Trad. Íris Fátima da Silva Uribe; Luís Uribe Miranda. Jundiaí – SP: Paco Editorial, 2022.
- NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- ROSSET, C.. *A antinatureza: elementos para uma filosofia trágica*. Trad. Getulio Puell. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.

Submetido: 03 de julho de 2022

Aceito: 02 de agosto de 2022

RESENHA

CHIURAZZI, Gaetano.

Compreensão, História e Contingência: ensaios sobre Heidegger e a hermenêutica.